



“Não, eu só rezo em criança”: Benzedoiras e Construções epistemológicas em saúde no Cariri cearense

*Pedro Walisson Gomes Feitosa¹; Maria Andrezza Gomes Maia²;
Nayana Freitas Vieira Ribeiro³; Victória Monalisa Batista de Freitas Leite⁴;
Maria Stella Batista de Freitas Neta⁵; Sally de França Lacerda Pinheiro⁶*

Resumo: A benzeção realiza um papel importante nas práticas populares em saúde, tornando-se em um patrimônio imaterial tanto para aqueles indivíduos que a praticam quanto para os que se beneficiam dela. Nesse sentido, o presente trabalho tem como finalidade relatar as experiências dos estudantes de Medicina da Universidade Federal do Cariri em um projeto de registros epistêmicos de benzedoiras no interior do nordeste brasileiro. Tendo levado a cabo o projeto, foi possível consignar a relevância da passagem de conhecimentos através das gerações de benzedoiras na região, mostrando a necessidade de valorizar e preservar os saberes que viabilizam a realização das práticas populares em saúde.

Palavras-chave: Saúde popular; Cultura; Epistemologia

¹ Acadêmico de Medicina pela Universidade Federal do Cariri – UFCA. gomesfeitosa.walisson@outlook.com;

² Acadêmica de medicina na Universidade Federal do Cariri - UFCA. andrezza.maia@aluno.ufca.edu.br ;

³ Médica pela Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte-Estacio de Sá. nayana.fv@hotmail.com;

⁴ Médica pela Universidade Federal do Cariri. monalisa@hotmail.com;

⁵ Acadêmica de medicina na Universidade Federal do Cariri - UFCA. stella.freitas@aluno.ufca.edu.br;

⁶ Mestrado em Biologia Oral, Osteo-articular e Biomateriais e Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Paris-Descartes. Docente na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri. Sally.lacerda@ufca.edu.br.

“No, I only pray in children”: Faith healing and epistemological Constructions in health in Cariri cearense

Abstract: Faith healing plays an important role in popular health practices, becoming an intangible heritage both for those who practice it and for those who benefit from it. In this sense, the present work aims to report the experiences of medical students from the Federal University of Cariri in a project of epistemic records of traditional healers in the interior of northeastern Brazil. Having carried out the project, it was possible to chronicle the relevance of passing on knowledge through generations of traditional healers in the region, showing the need to value and preserve the knowledge that enables the realization of popular health practices.

Keywords: Popular health; Culture; Epistemology.

Introdução

A benzeção é uma prática popular de cura que utiliza uma linguagem específica, tanto oral quanto gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas libertar o paciente do mal que o aflige. A benzedeira é portadora de um poder especial, que pode controlar as forças desencadeadoras de desequilíbrios. Por meio de benzimentos – atos mágico-religiosos -, garante o funcionamento da normalidade desejada, rompendo-se com o desequilíbrio ameaçador da existência. Partindo-se dessa definição, entende-se que a benzeção trata não apenas de males físicos, mas também espirituais. É um saber calcado na experiência cotidiana direta, com sua própria lógica, relacionada ao universo sócio-cultural no qual se inserem os sujeitos que a praticam (GOMES & PEREIRA, 1989).

Como bem coloca Oliveira (1983), benzedores/benzedoiras podem ser considerados como cientistas populares, isto é, sujeitos que combinam elementos místicos da religião e a magia aos conhecimentos da medicina popular. Falam em nome de uma religião e atuam no limiar entre esta e a medicina. Tratamos a benzeção como uma espécie de ofício, uma vez que os princípios e as regras de funcionamento são de conhecimento restrito a um grupo de especialistas, isto é, de profissionais da medicina popular.

Como pontua Ehrenreich & English (1973):

A repressão das curandeiras sob o avanço da medicina institucional foi uma luta política; e foi em primeiro lugar porque faz parte da história mais ampla da luta entre os sexos. A posição social das curandeiras tem sofrido os mesmos altos e baixos que a posição social das mulheres. Quando as

curandeiras eram atacadas, elas eram atacadas por serem mulheres, e quando elas se defendiam, era em solidariedade a todas as mulheres. Em segundo lugar, a luta também foi política pelo fato de fazer parte da luta de classes. As curandeiras eram as médicas da comunidade, sua ciência fazia parte da subcultura popular (EHRENREICH & ENGLISH, 1973).

Seguindo o princípio da amplitude de fenômenos culturais contribuintes aos processos de saúde-doença e métodos assistencialistas e preventivos, destaca-se que a interculturalidade implica uma relação de respeito e compreensão na forma de interpretar a realidade e o mundo, num processo de informação, educação e formação. Nas últimas décadas, interculturalidade em saúde ou saúde intercultural foram conceitos indistintamente utilizados para designar um conjunto de ações e políticas que buscam conhecer e incorporar a cultura do paciente no processo de atenção em saúde (NUREÑA, 2009).

A necessidade de desenvolver processos interculturais em saúde em vários países latino-americanos, seja por razões históricas, sociopolíticas e epidemiológicas, foi motivo para evitar que a identidade étnica e cultural se convertesse em uma barreira de acesso a uma melhor atenção em saúde. No entanto, é incontestável que ainda existe um desencontro com a cultura de muitos povos em todo o mundo. Segundo Geertz (2012), a “cultura é uma teia de significados” e “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, (...) [considero] a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Esta concepção já anuncia, de saída, os múltiplos significados e interpretações possíveis sobre um fenômeno, se assumirmos uma perspectiva intercultural.

Dessa forma, as práticas de saúde popular desenvolvidas por mulheres ao longo da história, representando uma perspectiva intercultural, revelam-se como instrumentos formidáveis para a institucionalização da integralidade no cuidado à saúde da mulher. Nesse ínterim, este trabalho objetiva apresentar e analisar registros de entrevistas com benzedeadas tradicionais na região do Cariri cearense, a fim de melhor compreender essas práticas em saúde produzidas e compartilhadas por mulheres no decorrer dos séculos.

Metodologia

O trabalho foi centrado na vertente metodológica da entrevista narrativa que se caracteriza como ferramenta não estruturada, visando a profundidade de aspectos específicos,

a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como das entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (JOVCHELOVICH et al., 2002). Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes, a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima.

Nesse caso, emprega-se a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias. Jovchelovich e Bauer (2002) ainda alertam para a importância de o entrevistador utilizar apenas a linguagem que o informante emprega sem impor qualquer outra forma, já que o método pressupõe que a perspectiva do informante se revela melhor ao usar sua linguagem espontânea. Essas asserções se assentam na compreensão de que a linguagem empregada constitui uma cosmovisão particular e, portanto, é reveladora do que se quer investigar: o “aqui” e o “agora” da situação em curso.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de ética em pesquisas com seres humanos da Faculdade de Juazeiro do Norte com parecer de número 3.334.135. Foi realizada a busca ativa por mulheres benzedoras nos municípios da região metropolitana do Cariri. As entrevistas foram gravadas com auxílio de um aparelho gravador apropriado para posterior análise. As conversas foram previamente agendadas com as mulheres a serem entrevistadas e, na ocasião, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), com adaptação para pessoas que não leem. Após a devida permissão legal foi realizada a entrevista. Buscou-se apreender as características da prática dessas cuidadoras, ou seja, o nível de envolvimento com o fazer; a forma de construção do saber/fazer e as possibilidades de articulação da sua prática com outros saberes. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para análise do conteúdo.

Resultados e Discussão

No decorrer do ano de 2019 foram realizadas 6 entrevistas com benzedoras. Os relatos foram colhidos entre os meses de março a outubro nos municípios de Juazeiro do Norte e Caririáçu. As práticas são baseadas na transmissão do conhecimento a partir da oralidade através das gerações e não são alvos frequentes de registros, ratificando a importância de que esse conhecimento seja objeto de investigações acadêmicas. Nesse sentido, as entrevistas proporcionaram um contato valioso para ambas as partes envolvidas, tendo em vista que as

entrevistadas sentiram o seu trabalho valorizado como alvo de pesquisas acadêmicas e os entrevistadores puderam compreender o processo de construção do conhecimento popular em saúde.

A partir das visitas, foi constatado que o ato da benzeção está diretamente ligado às crenças religiosas, sendo o catolicismo a vertente mais presente. Também foi possível perceber que as práticas das benzedadeiras são mais frequentes nas zonas rurais e periféricas, onde vivem as mulheres responsáveis por elas. As narrativas apresentadas pelas benzedadeiras estão ligadas diretamente à cultura predominante no meio em que estão inseridas, bem como à história do lugar em que vivem, justificando, assim, o conhecimento construído a partir do sincretismo de ciência e religião.

Saberes de mulheres benzedadeiras caririenses

Chegamos ao terreiro de MJS, em Juazeiro do Norte, em junho de 2019. Fomos apresentados a uma mulher cercada de histórias e ansiedade por expressar suas trajetórias. Ao interrogar se poderia benzer os entrevistadores presentes, a curandeira prontamente respondeu:

“O povo diz: vou pra casa da rezadeira, aí o povo pensa que a gente reza em gente grande e em criança, né? Mas eu não aprendi a reza de gente grande, eu só rezo em criança. Foi assim: a minha avó rezava em criança e eu achava bonito ela rezar, aí eu fiquei. Aprendi a reza e fiquei rezando nas crianças. Às vezes o povo pergunta e eu digo: não, eu só rezo em criança. Aí reza de criança é olhado, ventre caído, dor de barriga, as rezas nas crianças, e é isso.”

MJS, em Juazeiro do Norte

Como recurso para tentar livrar as crianças de agravos em saúde, as mães e pais recorriam à fé das benzedadeiras com suas rezas e cantos. A “dor de barriga” citada por MJS pode ser entendida como a diarreia, causa de inúmeras mortes por desidratação devido às condições precárias de higiene e de alimentação no Brasil de décadas passadas.

A falta de assistência à saúde adequada era determinante no processo saúde-doença dos brasileiros do século XX. As poucas iniciativas assistenciais, majoritariamente localizadas nos grandes centros urbanos, eram excludentes com os brasileiros das pequenas cidades e do campo desprovidos de emprego formal, que naquela época compreendiam a maioria da

população. A benzeção se constituía, nesse contexto, como expressão de resistência de um povo marginalizado pelos meios de saúde oficiais.

Diferente de MJS, Dona MCSS, de Caririagu, rezava em qualquer pessoa que batesse em sua porta com este propósito. Conta que recebe de mães aflitas com crianças sem diagnósticos a idosos que relutam em buscar assistência médica. Diferente da maioria das rezadeiras, não usa ramos verdes, pois aprendeu com o cordão de São Francisco.

“Eu rezo com o cordão de São Francisco, porque o curador que me curou rezava com o cordão de São Francisco. Então se eu fosse rezar com ramos as árvores já estavam tudo peladas ”

MCSS, de Caririagu

O universo daquele que crê envolve diversas formas de apreensão da sua fé. Cada indivíduo tem sua maneira de manifestar sua devoção, como através de rituais festivos de devoção, assim como penitências onde a dor dá significado ao que se busca (SOUZA; SANTOS, 2013). A fé pode ainda se manifestar através de objetos milagrosos, que funcionam como prova material da intervenção divina, como é o caso do cordão de São Francisco utilizado por Dona MCSS.

Assim como São Francisco, outros santos católicos são aclamados pela intervenção divina na benzeção. Para dor de cabeça, engasgo e soluço a reza é para São Lázaro. Na hora do parto, pede-se a poderosa ajuda de Nossa Senhora do Bom Parto. Para problemas na visão chama-se Santa Luzia. As benzedeadas passam a ter uma ligação com os santos, fazendo uma relação entre o homem e o espírito em suas orações (CALDAS; ALVES; MENEZES, 2016).

Quando abordamos o campo religioso brasileiro e, especificamente, a região Nordeste do país, encontramos as romarias e devoções aos santos populares da Igreja Católica. A romaria é uma prática muito antiga de peregrinação a lugares considerados sagrados, simbolizando fé e devoção ao sagrado que se cultua (OLIVEIRA, 2011). A cidade de Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, destaca-se por sua religiosidade, centrada na devoção ao sacerdote católico padre Cícero Romão Batista, popularmente chamado de ‘padinho Ciço’.

Em alguns encontros o discurso não segue uma linearidade, cabendo ao entrevistador não limitar a entrevistada ao seu roteiro, mas sim instigar o diálogo para colher o máximo de conteúdo possível. Ao conversar com Dona MJB, de Juazeiro do Norte, foram amplas as considerações e aprendizados pessoais compartilhados em cada etapa do discurso. Ao ser interrogada sobre como iniciou o ofício de benzedeadas, a senhora respondeu:

“Foi o divino espírito santo que me ensinou. Porque pra pessoa entrar é.. pra rezar, pra fazer um, fazer cura, a permissão dada por Deus e o divino espírito santo. A gente sofre, eu sofri foi muito. O povo não entendia levava pro médico, o médico me desenganou. Desenganou pra morrer em casa. Então, dai minha família muito católica, religiosa, disse que tinha um curador lá vila. Aí me levaram até lá, ai lá pois eu fiquei. Ele começou a rezar, ai eu fui me levantando, me levantando aos poucos. Fazia muito tempo que eu vivia prostrada.“

MJB, Juazeiro do Norte

O ritual da benzeção, com todo o mistério que o envolve, traz a quem procura o conforto que, muitas vezes, não é encontrado em outros ambientes e com outros métodos medicinais. A eficácia da benzeção se alicerça na fé daquele que benze e na crença daquele que é benzido (NOGUEIRA; Versonito; Tristão, 2011). O depoimento de Dona MJB mostra os pilares desta prática: a busca pela cura não encontrada em outros ambientes e a fé da família e de quem busca a cura.

A transmissão do dom da benzeção possibilita a continuidade dessa tradição no meio popular. Com a descoberta do dom, a benzedeira passa a carregar dentro de si algo superior, que a faz alimentar uma vontade de ajudar o próximo e se dedicar à comunidade, fazendo de seu ofício base para o meio social que se insere (NOGUEIRA; Versonito; Tristão, 2011). Este dom de benzer, quando incentivado por alguém que já benze e quando há uma experiência própria com a fé que envolve a prática, torna esse ofício uma escolha divina, como manifestado nas palavras de Dona MJB.

A dona MEAB, de Caririaçu alertou sobre como em algumas patologias é necessário seguir uma posologia de orações para seu efetivo efeito, como para o “cobreiro”, ou Herpes zoster, ao qual, segundo MEAB, deve-se rezar durante nove dias. Além disso, a curandeira frisa que seu trabalho é ser um veículo entre a fé do enfermo e o poder de cura das entidades divinas.

“Tenho rezado muito em cobreiro. Por prova agora mesmo nesta semana estou rezando. Vai fechar a cura nas nove vezes. Porque eu rezo nove vezes no cobreiro pra ficar curado. E muitos e muitos que já foi curado em nome de Jesus. Porque é Jesus quem cura, nós não sabemos de nada. Nós invoquemos o espírito Santo tando a sua vontade Senhor. E na sua fé né? Porque a fé ajudo muito aqueles que vem com fé em Deus já saem curado. Né? Porque nós não sabemos curar, quem cura é Deus. Invoco o espírito Santo e ele faz a obra, o milagre na tua vida né? Na vida de todos

MEAB, de Caririaçu

Embora haja muitas semelhanças entre as formas de benzeção, cada benzeadeira apresenta sua forma de lidar com a benção. As diferenças mostram a dedicação de cada benzeadeira na busca do conforto físico e espiritual de quem as procura. Muitas benzeadeiras acreditam no poder das ervas e plantas medicinais, utilizando-as durante a benzeção. Souza e Albuquerque (2018), ao analisar a experiência sociocultural de uma benzeadeira, encontraram que a mediação de saberes feita durante os rituais de benzeção promove o encontro de pessoas com os conhecimentos empíricos, contribuindo para agregar também conhecimentos culturais a quem procura as benzeadeiras.

Dona SBL, de Juazeiro do Norte, também salientou que o ofício de benzeadeira deve ser sem qualquer ambição material. Disse que as doações que recebe destina ao dízimo da igreja católica que frequenta. Ela também acredita que deve atuar apenas como um veículo entre a fé e a cura.

“É porque Jesus ele anda no mundo, porque ainda hoje ele anda no mundo, curando né? Porque Jesus é quem nos cura né? Pela sua fé pela minha fé Jesus faz obra e milagre e cura pela vida da gente é? É ele, portanto, que ninguém vai. Temos muito que chegam aqui e diz. Rapaz eu achei um rezador ali, ai eu levei o menino pra rezar, ai sabe quanto foi que ele cobrou? 105. Ai digo: Porque 105? Ele cobrou isso tudo? Quase uma consulta do médico? Ai a pessoa diz pois foi, mas eu fui só uma vez mulher *risadas* ela disse. Pois eu só fui uma vez. Disse pois num vá não, *sussurrando* reza comprada não presta não. As pessoas que ofertam de coração, podem ofertar no altar qualquer coisa serve pra comprar vela, serve pra mim ofertar na igreja. Que as ofertas que caem no altar no domingo eu já levo pra ofertar. Ainda hoje eu levei, a oferta, meu dízimo. Todo meu coração.”

SBL, de Juazeiro do Norte

Pesquisa realizada por Clarindo (2019) com benzeadeiras de Ponta Grossa, no Paraná, encontrou nas entrevistadas fala de preocupação com o futuro do ofício da benzeção. Segundo elas, essa tradição corre o risco de acabar, pois as pessoas, atualmente, acreditam mais na medicina do que no benzedor. É importante salientar que o que alimenta a crença na benzeção é o fato dela atuar como uma aliada aos tratamentos clínicos de saúde, e não como uma substituta. Dessa forma, a benzeção, mostra-se como uma forma de alimento espiritual para aqueles que a procuram, auxiliando nos tratamentos em saúde.

As pessoas recorrem às benzeadeiras para cuidar da sua saúde, buscando a cura e, além disso, buscam algo que somente a fé é capaz de proporcionar. A cura da moléstia confirma o dom da benzeadeira e, a partir disso, ela passa a ser conhecida e admirada na comunidade em que vive (NOGUEIRA; Versonito; Tristão, 2011). Dessa forma, as benzeadeiras, em

suas múltiplas funções na vasta e rica cultura popular, mostram sua resistência e seguem atuando na cura através da fé.

Conclusão

Tendo concluído as entrevistas, foram registradas as experiências das benzedeadoras do interior nordestino brasileiro, realçando a importância da valorização das práticas populares em saúde e a transmissão dos saberes milenares. Dado o exposto, também foi percebida a necessidade de que a benzeção seja objeto de investigações acadêmicas, pois facilitaria a transmissão do dom da benzeção.

Referências

CALDAS, Marcus Túlio; ALVES, Maria Jeane dos Santos; MENEZES, Anderson de Alencar. Benzeção e busca de sentido: uma reflexão a partir das práticas das benzedeadoras. **Revista de Cultura Teológica. Issn (Impresso) 0104-0529 (Eletrônico) 2317-4307**, [S.L.], n. 87, p. 161, 30 jun. 2016.

CARRER NOGUEIRA, L.; MALHEIRO Versonito, S.; DAS DORES TRISTÃO, B. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 1, n. 02, p. 167-182, 11.

CLARINDO, Maximillian Ferreira. A GEOGRAFIA DA CURA E DO SAGRADO: A RESISTÊNCIA DAS BENZEDEIRAS NO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA. 2019. 178 f. **Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.**

EHRENREICH, Barbara. **Bruxas, Parteiras e Enfermeiras**. Eua: The Feminist Press, 1973.

GEERTZ. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC; 2012.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

JOVCHEOVICH . **Entrevista Narrativa**. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

NUREÑA. Incorporación del enfoque intercultural en el sistema de salud peruano: la atención del parto vertical. **Rev Panam Salud Publica** 2009; 26(4):368-376.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **Doença, cura e benzedura: estudo sobre o ofício da benzedeadora em Campinas**. Campinas, SP, s.n,1983.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. ROMARIAS: UM ESPAÇO DE INTERAÇÃO ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE. 2011. 105 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

SOUSA, Marcio Barradas; ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. BENZER, ORAR E EDUCAR: percursos de uma curadora da amazônia. **Educação em Revista**, [S.L.], v. 34, p. 1-25, 12 abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698183866>.

SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. Construindo a fé, recriando a divindade: uma experiência religiosa no sertão do Piauí. **Rev. Hist. Ueg**, Porangatu, v. 2, n. 1, p. 167-191, jul. 2013.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

FEITOSA, Pedro Walisson Gomes; MAIA, Maria Andrezza Gomes; RIBEIRO, Nayana Freitas Vieira; LEITE, Victória Monalisa Batista de Freitas; FREITAS NETA, Maria Stella Batista de; PINHEIRO, Sally de França Lacerda. “Não, eu só rezo em criança”: Benzedeadas e Construções epistemológicas em saúde no Cariri cearense. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2022, vol.16, n.60, p. 1120-1129, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 20/05/2021;

Aceito 26/05/2022;

Publicado em: 30/05/2022.